



**CORPOS IMPRESSOS E SEGMENTAÇÃO EDITORIAL
BINÁRIA: uma análise sobre as relações de gênero
entre as revistas TRIP e TPM**

***PRINTED BODIES AND BINARY PUBLISHING
SEGMENTATION: an analysis of gender relations between the
brazilian magazines TRIP and TPM***

*Frederico de Mello Brandão TAVARES¹⁹,
Wigde Arcângelo DA SILVA²⁰*

RESUMO:

Uma visão superficial e limitada sobre as identidades de gênero, muito comum em diversas publicações do mercado editorial brasileiro, é algo que, historicamente, as revistas TRIP e TPM buscam (e afirmam) combater. Diante desse contexto, este artigo estuda edições destas publicações, tendo como recorte aquelas cuja temática recíproca aborda o corpo humano. A partir de uma análise das estruturas das revistas, editoriais, reportagens e imagens que se conectam com o foco temático de cada edição das publicações, observa-se tensões e interações entre os respectivos projetos editoriais a partir das relações de gênero ali manifestas. Percebe-se, ao final, que um papel normatizador sobressai das narrativas, como regulador de sentidos e da manutenção de uma lógica binária nas coberturas jornalísticas realizadas.

PALAVRAS-CHAVE:

Jornalismo de revista. Segmentação. Gênero. Corpo. Projeto Editorial.

ABSTRACT:

¹⁹ Professor da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), onde integra o Núcleo de Docentes Permanentes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, além de atuar no curso de Graduação em Jornalismo. Atualmente realiza pós-doutorado junto à Universidad Nacional de La Plata (UNLP, Argentina).

²⁰ Bacharel em Jornalismo graduado pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Atualmente é jornalista do Jornal A Sirene (Mariana, MG).

A superficial and limited view of gender identities, widely used in several publications in the Brazilian publishing market, is something historically that TRIP and TPM magazines are trying (and claim) to combat. Given this context, this article studies editions of these publications, having as a empirical data those whose reciprocal theme addresses the human body. From an analysis of the structures of magazines, editorials, reports and images that connect with the thematic focus of each edition of the publications, tensions and interactions between the respective editorial projects are observed from the gender relations manifested there. It can be seen that a normative role stands out from the narratives, as a regulator of meanings and the maintenance of a binary logic in the journalistic coverage performed.

KEYWORDS:

Magazine journalism. Segmentation. Gender. Body. Editorial project.

1. Introdução

A primeira década dos anos 2000 e os anos seguintes a ela fizeram presente um objeto importante, amálgama de muitas temáticas e processos que permeiam a sociedade brasileira: a diversidade²¹. Seja como conceito, seja como reivindicação cotidiana, encarnada nas posturas subjetivas e coletivas, a noção de diversidade ganhou destaque, foi atualizada e presentificou-se em nosso dia-a-dia. Tal fenômeno não é uma exclusividade nacional, mas ganhou visibilidade nos últimos tempos por meio da aceleração de políticas públicas voltadas para a inclusão das chamadas “minorias”, além de tornar-se assunto mais evidente nas reivindicações de movimentos sociais e em iniciativas cada vez mais comuns da sociedade civil organizada. A pauta política e cultural, em níveis institucionais dos mais diversos (das redes sociais às instituições de ensino, passando pelos meios de comunicação), fez corroborar, não sem tensões, diga-se, uma espécie de nova “agenda” de valores e novas balizas éticas e identitárias.

Nesse cenário, ganham relevância outras ideias importantes, como uma sorte de temas que tratam de inclusão, direitos humanos, respeito etc. Um conjunto de aspectos que também

²¹ A partir de uma reflexão ampla e fundamentada sobre o conceito de diversidade, M. Sodré (2006, p. 14) sintetiza um princípio que vai ao encontro da no o que trabalhamos aqui: “O respeito à liberdade do outro passa pelo reconhecimento -- não apenas intelectual, mas principalmente sensível -- de sua liberdade de se interrogar singular e diversamente sobre o seu próprio destino”. Vale destacar, entretanto, que a no o de diversidade vem sendo trabalhada por diversos campos científicos, principalmente nas humanidades, e o conceito orbita de maneira crítica em torno de outras no es complexas, como a de diferença e a de desigualdade. Sobre essa discussão ver: Rodrigues e Abramowicz (2013).

inaugura discussões sobre a heterogeneidade desses universos, bem como reações. Disputas simbólicas ou concretas, que buscam fazer avançar ou limitar essa realidade não deixam dúvidas sobre as disputas que aí se inscrevem. Embates e contradições que orbitam sobre certos temas podem ser regularmente percebidos no âmbito das representações e de outras práticas. O ano de 2019, por exemplo, tem ofertado uma série de polêmicas nesse viés. A tão difundida pretensão conservadora e moralista do atual Governo Federal brasileiro tem ido de encontro a um passado recente de conquistas sociais calcadas numa conceituação progressista e mais “global” sobre o tema dos direitos humanos.

Mas, mesmo em contexto menos conservadores, é possível (e muitas vezes até comum) que certas nuances acerca da diversidade acabem por reiterar estruturas antiquadas ou hierarquizantes, reproduzindo visões de mundo que podem simplificar o que deveriam complexificar. As revistas nacionais TRIP e TPM, ambas publicadas pela TRIP Editora, lançaram nos últimos anos edições mensais de temáticas únicas, tratando-as ora com repetição de textos nos dois títulos, ora com matérias específicas, enquadradas segundo as seções e o viés de cada revista (uma voltada para o público masculino e outra para o feminino)²². Os temas trabalhados seguem uma orientação editorial voltada, pode-se dizer, para a “diversidade” e indicam alguns sentidos: ora explicitam assuntos caracterizadamente voltados ao conceito (questões de gênero, sexualidade, etnia etc), ora lançam assuntos “universais” (como amor, fome, religião etc). Em ambos os casos, as coberturas realizadas colocam-se com a pretensão de realizar um apanhado jornalístico a partir de uma perspectiva crítica sobre os assuntos elencados, que, a princípio, corresponderiam ao “diferencial” editorial das publicações frente às suas concorrentes.

Quando acontece de haver este compartilhamento temático coincidente, é possível perceber que, nas partes que compõem o todo de uma só publicação (TRIP ou TPM em separado), bem como nas partes que compõem o todo do conjunto formato pela reunião de ambas as revistas (TRIP e TPM juntas), ocorre uma interação explícita ou implícita entre as edições²³ e as publicações, o que acaba agenciando maneiras de diferenciação ou aproximação editoriais e ao mesmo tempo dá a ver como tais regulações carregam lacunas advindas do trabalho jornalístico realizado pelos veículos.

²² Em dezembro de 2016, a revista TPM deixou de circular sua edição mensal impressa. Foram 15 anos de publicação com essa periodicidade, desde o seu lançamento em maio de 2001. Já a revista TRIP segue circulando mensalmente, desde a sua primeira edição em novembro de 1986.

²³ O olhar sobre a interação entre as edições de TRIP e TPM acompanha a problematização de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida entre os anos 2016 a 2019 (TAVARES, 2019).

A partir desse contexto, o presente trabalho busca analisar edições das revistas TRIP e TPM cuja temática “recíproca” é o corpo humano. A questão de gênero – como interação e diferenciação – atravessa a relação entre as revistas desde a primeira edição de TPM; e o ponto de partida “masculino” – para além do título, já que TPM é “TRIP Para Mulher” – estava explícito já no editorial do exemplar de lançamento:

[...] depois que nos demos conta de que 25% dos leitores da TRIP, supostamente concebida e apontada para leitores homens, são garotas, ficou claro que havia algo errado. Ou, melhor ainda, muito certo. [...] Tudo indica, e nos leva a concluir, que a forma como tratamos as mulheres neste ambiente editorial foi, ao longo destes quase 15 anos [de TRIP], magnetizando, de forma sólida, cabeças, corpos e corações de um tipo de mulher que se sente desassistida – vou ainda mais longe, quase ofendida em sua inteligência e auto-estima pela forma como são produzidas diversas revistas femininas vigentes nas prateleiras do país (LIMA, 2001, p.24).

Tendo a revista TPM nascido das “costelas de TRIP”, como ela mesma afirma²⁴, buscamos problematizar essa influência da edição masculina sobre a feminina²⁵. Entender o posicionamento dos corpos nesses materiais para podermos refletir sobre os conhecimentos produzidos acerca do corpo e seus significados. Além disso, é possível inferir quais as mudanças e quais as permanências ocorridas em relação às representações de gênero. Essas inflexões podem ser realizadas considerando-se que o corpo tipifica os gestos, as formas estéticas e os comportamentos caracterizados como femininos e masculinos. Cristalizam-se no corpo as crenças, as representações e os significados do que é ser homem ou mulher em determinada sociedade, em determinado momento (MATOS e LOPES, 2008, p. 61-62).

As revistas TRIP e TPM, suas edições como um todo, e as edições em tela, imprimem em suas páginas corpos. Legitimam aquilo que pode ser considerado um corpo, estabelecem as possíveis interações entre ele, delimitam as fronteiras das possibilidades de expressões, estabelecem padrões de consumo, geram fórmulas de comportamento e leituras de mundo, definem as sexualidades e propõem formas possíveis de explorar a sexualidades. Estão nas páginas das revistas recortes de espaço-tempo que captam as relações culturais e também montagens e colagens sobre o contemporâneo (RODARTE, 2017; SCALZO, 2011; VOGEL, 2013).

Dessa forma, as revistas, através do fazer jornalístico, interpretam, selecionam, editam e enquadram os olhares para a sociedade, mas “a revista carrega *um* mundo dentro de si, e não *o* mundo” (FRANÇA, 2013, p.105, grifos do autor). Pois, dentro desse processo editorial, há um recorte de público que possui visões e anseios específicos com os quais as publicações

²⁴ “TRIP Para Mulher entra no mercado tão pretensiosa quanto este Adão de cujas costelas querem nos convencer que surgiu, mas ainda mais forte, sensível e independente, como aliás costumam ser as mulheres” (LIMA, 2001, p.24).

²⁵ Em tom crítico, analisa Aveiro (2015, p. 68-69): “Nesse título [TPM] a biologia determina quem são as mulheres, uma vez que a tensão pré-menstrual é vinculada aos atributos sociais do feminino, estabelecendo tanto uma relação mimética entre gênero e sexo, quanto o binarismo entre homens e mulheres”. Benatti (2005) também resgata esse histórico relacional entre as revistas, mas de um ponto de vista do consumo.

tentam dialogar. Nessa dinâmica, também normatizam padrões ao reproduzirem e produzirem cultura, algo que se relaciona com as temáticas que aqui investigamos:

desse modo, não há como pensar a cultura (aqui entendida como conjunto de regras, hábitos e valores historicamente construídos numa sociedade) em que estamos inseridos sem refletir sobre o papel do jornalismo. A participação do jornalismo na normatização da sociedade fica evidente por este prisma, bem como nos processos pelos quais são valoradas as relações sociais. É em meio a isso que se situam as representações de gênero. Esses mesmos valores e formas de construção da realidade através da notícia incidem sobre a construção de determinadas concepções de gênero, definindo masculinidades e feminilidades, bem como sexualidades legítimas e ilegítimas (SILVA, 2010, p.36).

Dentre as inquietações da pesquisa, motivadas pelo cenário descrito acima, algumas questões se destacam. Uma delas é a que tange a segmentação pelo binarismo de gênero. Como revistas que se dizem atentas às transformações sociais ainda se ancoram nessa divisão de público? O que isso ainda diz sobre a sociedade e sobre o papel da mídia nessas relações? Analisar o corpo poderia dar pistas para que conseguíssemos responder a essas questões, já que a segmentação dessas revistas se dá justamente por uma premissa de diferenciação na estrutura física e biológica de seus leitores, que afeta suas formas de atuação no mundo. O corpo é um tema muito importante para esses tipos de segmentação editorial, já que ele sempre é pauta, mesmo que não diretamente. Essas abordagens midiáticas não são meras representações sobre os corpos, mas acabam moldando-os e assujeitando-os a práticas normativas que hoje se encontram disseminadas em nossa sociedade. Essas práticas variam amplamente, de dietas a plásticas, de saúde à obsessão por um modelo de beleza, de como ser feliz se possuir um corpo igual aos que transitam na mídia. Nesse sentido, o corpo encarna as concepções que orientam determinada sociedade, modificando-se de acordo com as transformações que ocorrem (BURBULHAN, GUIMARÃES, 2011, p. 62).

Por isso, o corpo é chave para o recorte do objeto. Esse desenho empírico acontece a partir da edição especial que pela primeira vez dividia, em seu único corpo impresso, TRIP e TPM. Os números 271 de TRIP e 173 de TPM, de dezembro de 2017, vieram juntos em um mesmo exemplar da revista – não há um tema afirmado, mas o volume se propõe a ser uma edição “trans”.



Fig. 01: *Capa TRIP, Ed. 271, Dez. 2017* Fig. 02: *Capa TPM, Ed. 173, Dez. 2017*
 Fonte: *Reprodução do Autor* - Fonte: *Reprodução do Autor*

A partir daí, buscamos outras edições que compartilhassem explicitamente a temática do corpo em ambas as publicações. Chegamos às edições 251 da TRIP e 161 da TPM de fevereiro de 2016, ambas sobre a temática “Minha casa, minha vida?”²⁶; e às edições 214 de TRIP e 124 de TPM de setembro de 2012, esta sobre “Sim, mulher adora sexo” e aquela sobre “Pênis, o tamanho do tabu”. O trabalho buscará compreender como podemos problematizar, partindo da temática “corpo”, a segmentação por gênero nas revistas TRIP e TPM, trazendo questões que ajudem a pensar o próprio mercado de revistas no país. Para tal, analisaremos, no material aqui contemplado, os editoriais e as capas dessas edições, partindo destas partes para uma análise das matérias e entrevistas relacionadas a esses textos verbovisuais (ABRIL, 2007).

2. Corpo, gênero e masculinidade

Para Guacira Lopes Louro (2016), a identidade de gênero e sexual se tornam as referências mais comuns (e seguras) sobre as pessoas, por carregar o entendimento de que são naturais. Dessa forma, o corpo se “constitui na referência que ancora, por fim, a identidade” (LOURO, 2016, p.14). A expressão “sexo do bebê”, por exemplo, é marco de uma concepção que aproxima “sexo” e “gênero”, mesmo que, hoje, este seja entendido como resultado das somatórias sociais, enquanto aquele é visto como determinante biológica. Embora já tenha se

²⁶ Embora o corpo não esteja especificado no título, o editorial propõe que a ideia de casa seja ampliada “para os lados e muito especialmente para dentro” (LIMA, 2016, p.26). A partir daí o corpo é visto como casa na edição.

avanzado nos debates sobre gênero, no senso comum ainda é feita uma divisão do corpo masculino e feminino, pressupondo que eles se comportem de maneiras previamente estabelecidas, incidindo, conseqüentemente, em imaginários e determinações acerca das identidades. O que atinge todas as esferas da vida dos sujeitos, inclusive na forma em que o sexo é posto, suas normas e fronteiras. A sexualidade, de forma mais ampla, relaciona-se a essa percepção da diferenciação dos sexos. Para Judith Butler (1990, p. 7, tradução nossa), o gênero e suas configurações pode ser afirmado, de maneira discursiva e cultural, como um “verdadeiro aparato de produção através do qual os sexos são estabelecidos”.

Assim, é importante tomar o sexo não apenas como um fator diferenciador biológico, mas, também, como um produto de uma cultura. Em perspectiva cultural consonante, David Le Breton (2012) reflete que o corpo não é “por si só”, mas é resultado do contexto social e cultural que o indivíduo se encontra,

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência torna forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade (LE BRETON, 2012, p.7).

As interações culturais e sociais moldam a corporeidade. As relações que se estabelecem com o mundo não são da forma que são por serem naturais, intrínsecas ao ser, mas são ensinadas e aprendidas nos relacionamentos com seus pares. Dessa forma, não há – historicamente – um modelo único de se portar e se relacionar com o corpo, pois ele é modelado conforme as sociedades e suas temporalidades. Foucault (1988) vai ao encontro desse pensamento e vê a sexualidade também como uma forma de poder, que molda a relação com o corpo institucional e discursivamente, dentro de lógicas de um contexto.

a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns nos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Para Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 29), a partir de Novaes (2006), na atualidade, nosso corpo está em crise, há padrões estéticos dos quais queremos e nos esforçamos para participar.

[...] é interessante notar como os discursos que normalizam o corpo, sejam eles científico, tecnológico, publicitário, médico, estético, vão tomando conta da vida simbólica/ subjectiva do indivíduo, invadindo as dimensões expressivas e simbólicas da corporeidade, fornecendo imagens e informações que reconfiguram o próprio âmbito da vivência corporal.

São os vários discursos que moldam o corpo – filosófico, religioso, científico... – e as concepções de gênero e sexo, muitas vezes tentando dar o valor de natural a essas questões. O binarismo de gênero, nesse cenário, além de limitar outros tipos de expressões, legitima apenas determinadas formas de se portar corporalmente. Nessa concepção masculino-feminino não há equidade de forças e poder, pois, tal socialização acaba por colocar o homem em um patamar superior, mantendo sua referência histórica como o “primeiro sexo”.

Esse dualismo percebido nas concepções do corpo, apesar de todos os avanços teóricos e sociais, traz uma segmentação que é explorada em um mundo onde o viés mercadológico impera. Estando as revistas dentro de modelos de negócios, elas próprias se segmentam e utilizam-se do corpo segmentado para vender e produzir sentidos. Embora existam tentativas editoriais de desnaturalizar a discussão e representação sobre o corpo e o gênero, a própria segmentação de mercado cria uma armadilha nesse processo, fixando masculino e feminino em sistemas e nichos. O que leva à reprodução de modelos de representação que acabam por ir na contramão de uma ideia de diversidade e igualdade.

Nesse contexto, se a masculinidade, como apontam Connell e Messerschmidt (2013), “é definida como uma configuração de práticas organizadas em relação à estrutura das relações de gênero” (p. 259), é importante lembrar que a “prática social humana cria relações de gênero na história” (2013, p.259), fazendo com que hierarquias e valores reverberem tensões e disputas existentes no interior dessa estrutura relacional.

A masculinidade é ensinada desde a infância através de seus pares, em um processo de homossociabilidade (WELZER-LANG, 2001, p.462). Essa construção passa por dois valores que tentam naturalizar aquilo que é ser considerado homem:

- a *pseudo* natureza superior dos homens, que remete a dominação masculina, ao sexismo e às fronteiras rígidas e intrasponíveis entre os gêneros masculino e feminino;
- a visão heterossexuada do mundo no qual a sexualidade considerada como “normal” e “natural” está limitada às relações sexuais entre homens e mulheres. As outras sexualidades, homossexualidades, bissexualidades, sexualidades transexuais... são, no máximo, definidas, ou melhor, admitidas, como “diferentes” (WELZER-LANG, 2001, p.460)

A partir dessa ótica, na base do discurso social normatizante, está posta uma hierarquia na qual mulheres e homens homossexuais ocupam um menor espaço. Isso porque não basta ser um homem, é preciso se parecer nos padrões comportamentais que se distanciam do dito feminino e na heterossexualidade.

Masculinidade hegemônica pode ser definida como uma configuração de prática de gênero a qual incorpora a resposta atualmente aceita para o problema da legitimação do patriarcado. O qual garante (ou é levado a garantir) a papel dominante dos homens e a subordinação das mulheres (CONNELL, 2005, p.77, tradução nossa).

A masculinidade hegemônica está no topo da pirâmide hierárquica, mas como outros fatores perpassam as masculinidades – como raça, classe social e localização geográfica – nem todos os homens se encaixam nessa posição, nela há uma minoria de homens, mas, mesmo assim, é referencial para outros homens (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p.245). Esse posicionamento também se dá através do corpo, pois as masculinidades são corporificadas (CONNELL, 1995, p.189).

Pensando a revista TRIP como referente masculino de uma dupla editorial (junto com TPM), é possível questionar quais masculinidades emergem [ou não] das edições de TRIP e quais movimentos endossam uma masculinidade hegemônica na revista e em sua “companheira editorial”. “A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão” (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013, p.245). Dessa forma, o jornalismo e as revistas podem ser, também, sistemas de propagação dessas características hegemônicas. Seria este o caso de TRIP e TPM? Como o corpo, local encarnado de identidades, ajuda a pensar essa relação editorial de gênero e ao mesmo tempo permite observar suas tensões? Que “concessões” às masculinidades e feminilidades são feitas (ou não)? TRIP e TPM falam de determinados corpos que têm inscritos em sua pele marcas de uma sociedade e de suas temporalidades. Como pensa-los?

3. Corpo segmentado, gênero dividido

Assim como as revistas possuem a capacidade de se transformarem com o tempo, pondo na balança suas perspectivas ideológicas, mercado e transformação social, o que é chamado de “perenidade mutável” (TAVARES, 2013, p. 77), o corpo, ou a noção que se tem dele, não é estável. As revistas, por isso, carregam consigo – pretensamente – maneiras de

atualizar seus leitores sobre novos padrões corporais e as possibilidades de conquistá-los. Como reflete Mira (2001), os movimentos identitários trouxeram uma “nova disciplina corporal” por ser no corpo que o diferente é notado; assim, as identidades se ancoram no corpo para serem construídas. Desse jeito, as práticas dos cuidados e formas de tratar o corpo também ganharam projeção mercadológica. “No mundo contemporâneo torna-se inviável constituir-se como igual ou diferente sem passar pelo mercado. Do ponto de vista da vida prática, cotidiana, material, é impossível construir sua identidade fora do mercado” (MIRA, 2001, p. 10).

Pensando as revistas como produtos sociais que refletem e produzem imagens de consumo e desejo que “significam e provocam significações, em uma mistura de interesses de mercado com a realidade social” (FRANÇA, 2013, p.98), Auxiliadôra Aparecida de Matos e Maria de Fátima Lopes (2008), em sua pesquisa sobre corpo na revista TPM, apontam que entender como o corpo é colocado nessa publicação pode nos fazer refletir sobre os conhecimentos produzidos acerca do corpo e seus significados. Além disso, é possível inferir quais as mudanças e quais as permanências ocorridas em relação às representações de gênero. Essas inferências podem ser realizadas considerando-se que o corpo tipifica os gestos, as formas estéticas e os comportamentos caracterizados como femininos e masculinos. Cristalizam-se no corpo as crenças, as representações e os significados do que é ser homem ou mulher em determinada sociedade, em determinado momento (MATOS e LOPES, 2008, p. 61-62).

Acreditamos que essa percepção também é possível observarmos outras revistas que usam a distinção dos gêneros para formular sua segmentação, caso da própria TRIP, se comparada a TPM. Sendo as revistas também produtos pedagógicos que trazem conhecimento sobre o mundo e sobre os sujeitos, as publicações voltadas para os gêneros têm uma função de normalizar determinados papéis sociais definidos conforme atributos do que seria feminino e masculino as representações e imagens de gênero constroem e esculpem os corpos biológicos não só enquanto sexo genital, mas igualmente moldando-os e assujeitando-os a práticas normativas que hoje se encontram disseminadas em nossa sociedade. Essas práticas variam amplamente, de dietas a plásticas, de saúde à obsessão por um modelo de beleza, de como ser feliz se possuir um corpo igual aos que transitam na mídia. Nesse sentido, o corpo encarna as concepções que orientam determinada sociedade, modificando-se de acordo com as transformações que ocorrem (MATOS, LOPES, 2008, p.62).

As capas das edições 214 de TRIPe 124 de TPM– ambas de setembro de 2012 – são “exemplares” dessa perspectiva. Na primeira página de TRIP(Fig. 03),há uma régua branca de 20 centímetros – física e colada à folha – que tampa a letra “i” minúscula sobre um fundo laranja, da palavra pênis. Já na capa de TPM(Fig. 04) a referência visual é à vagina, por meio de uma fresta (um corte, por meio de uma “faca”, no jargão da impressão gráfica). As capas, além de representarem as genitálias biológicas, sintetizando o gênero a elas, também indicam uma cor ao público: a régua branca, como pele possível para o homem, a cor rosa, como “feminina” e “padrão”, para a mulher.

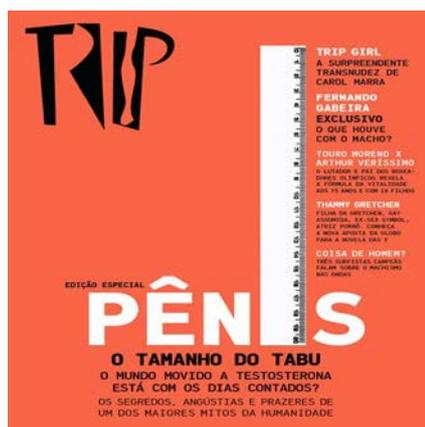


Fig. 03: Capa TRIP, Ed. 214, Set. 2012
Fonte: Reprodução do Autor



Fig. 04: Capa TPM, Ed. 124, Set. 2012
Fonte: Reprodução do Autor

“Do cacete” (p.26) é o título do editorial da TRIP de 2012. O editor Paulo Lima abre o texto fazendo uma analogia do Brasil com uma adolescente. Citando características positivas e negativas de ambos, supõe ser essa juventude imatura do país a culpada pela tendência de “‘genitalização’ da sexualidade” (p.26) e recrimina essa atitude:

Já falamos sobre isso por aqui. É como se todo o universo ligado ao amor, ao sexo, às relações humanas, ao prazer e à reprodução ficasse contido exclusivamente nas terminações nervosas desses côncavos e convexos localizados. Assim, entre outras consequências diretas da compreensão rasa e do equívoco, a simples menção às palavras pênis ou vagina já causa, quase invariavelmente, algum desconforto, risadas nervosas e a ânsia velada pela mudança de assunto (LIMA, 2012, p.26).

O texto deixa de lado mecanismos de poder que envolvem a sexualidade, como é apresentado por Foucault(1988), bem como relaciona a questão política a uma certa “passionalidade” biológica e genital aliada, paradoxalmente, a uma moralidade. Mais que isso, já coloca no terreno da revista masculina o argumento sobre o pênis e a vagina, dando sentidos, de maneira “autorizada”, a ambos. No editorial da edição de TPM, “A felicidade pode ser de

carne” (p.10), Fernando Luna sugere um “basta definitivo àquela conversa de que homens são de Marte, onde a sacanagem rola solta, e mulheres são de Vênus, onde é preciso tomar um vinho antes. Ninguém é de ninguém” (p.10). E relembra uma época que se distancia, segundo ele, de quando “em casa, sexo só entrava para procriação, depois de limpar bem os pés. E apaga essa luz que não sou sócio da Light. Já a rua, ah, a rua era o habitat natural das mulheres que dizem sim” (p.10).

Enquanto TRIP sugere o fim da “genitalização” da sexualidade, TPM convida as mulheres à um mergulho no sexo; necessidades diferentes que sugerem pressões sociais distintas. TRIP aponta um motivo para as diferenças e anseios tratados:

Enquanto associarmos o falo a poder e comando na já capenga sociedade construída em torno da testosterona e enrubescermos diante de discussões sobre tamanhos e formatos, assistiremos a uma indústria pulsante e encorpada, que vai do humor à medicina, se alimentar das angústias e vergonhas geradas por essas compreensões estreitas e equivocadas. Basta ver, só pra começar, quantos milhões de mensagens eletrônicas com o título “enlarge your penis” são disparadas e recebidas por dia no planeta (LIMA, 2012, p.26).

É interessante notar que mesmo querendo repensar o falocentrismo, o título do editorial se ancora em uma expressão que evidencia o pênis. Já o título do editorial de TPM não é claro, diz que a felicidade pode ser de carne, mas qual carne? Pênis, vaginas, corpos por inteiro dos homens, corpos por inteiro das mulheres ou a própria vagina e corpo da leitora? Enquanto a revista repensa a sexualidade do homem a partir do próprio pênis, a sexualidade da mulher é pensada a partir do seu encontro com um outro. “Outro” no masculino porque é utilizado o discurso médico da reprodução sexuada entre homem e mulher para que seja justificado o sexo como algo comum, praticado por todos:

Todo esse sassarico começou graças à reprodução sexuada, que passou a exigir a conjugação carnal de células femininas com células masculinas – é o que chamo de evolução! Como isso acontece há pelo menos 1 bilhão de anos, por que, *hypocrite lecteur*, ainda se finge que uma metade da humanidade gosta mais de sexo do que a outra metade? Afinal, só chegamos até aqui com a franca colaboração, diria até mesmo entusiasmo, de ambas as partes: mulheres e homens (LUNA, 2012, p.10).

Se retornarmos àquilo que Welzer-Lang (2001, p.460) diz sobre um dos pontos do “duplo paradigma naturalista” observaremos que o heterossexismo é um desses paradigmas.

Podemos, então, nos questionar o quão libertário é TPM tratar e incentivar a liberdade sexual da mulher, ao passo que TRIP reafirma certo status do pênis. Não estaria essa liberdade sexual feminina sendo colocada ao prazer masculino?

Embora a heterossexualidade tenha destaque, outros arranjos de sexualidade são pensados nas entrevistas. A “libertária”, como ela mesma se define, psicanalista Regina Navarro Lins aponta à TPM a bissexualidade como uma tendência “que será predominante daqui a uns 30 ou 40 anos” (p.26). Por outro lado, TRIP entrevista a atriz Thammy Gretchen – que na época se identificava como lésbica –, embora tenha deixado explícito se incomodar com a sexualização que era feita com o seu corpo. Curioso é que as fotos posadas para a revista revelam um corpo sem poses sensuais, mas onde há nudez está simulada (**Fig. 05**). A seção também resgata fotos de arquivo de capas de revistas para qual Thammy Gretchen posou sem roupa.



*Fig. 05: Entrevista “Mulher de fases”, TRIP, Ed. 214, Set. 2012, p.12-13
Fonte:Reprodução do Autor*

Aparece na entrevista um elemento interessante: Thammy diz em uma das suas respostas que se sente entrando da crise dos 30 anos e por isso gostaria de “ter um filho. Ou, sei lá, virar um negão” (p.22). O motivo aparece em outra resposta: “Bom... Pelo menos eu ia ter um pintão!” (p.22). É levantado o estereótipo do homem negro que possui seu valor mensurado pelos seus atributos físicos, sua força para o trabalho e seu dote para a satisfação sexual. Tese que ganha mais força na última reportagem da edição. A linha fina da reportagem “Touro indomável” diz que o repórter Arthur Medrado está sempre em “busca de novos limites de virilidade” (p.92). Essa busca leva o repórter ao encontro do personagem Touro Moreno, negro, idoso, boa forma física, pai de 18 filhos e com vida sexual ativa e uma vida financeira difícil. Tudo aquilo que o senso comum espera de um homem negro. O pênis branco aparece ao longo da edição como caminho para orgasmos transcendentais, flácido em sinal de liberdade, passível de broxar, questionador dos padrões de masculinidades e, até mesmo, como sinal de virilidades. Porém, não há outra possibilidade para o pênis negro que não seja a de estar rígido. Uma representação que compactua com uma visão que vê

o corpo negro masculino é fundamentalmente corpo-para-o-trabalho e corpo sexualizado. Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco (PINHO, 2004, p. 67).

Se o pênis e todas as suas significações de potência é o que faz Touro Moreno ser aceito, inclusive como personagem da revista, é o pênis o que afeta a própria aceitação da modelo Ana Carolina Marra, a primeira *Trip Girl* (p.48) transexual. A revista tensiona o lugar da erotização da mulher cisgênero e revela no perfil da modelo alguns indícios dos preconceitos sofrido devido a construção da masculinidade. Como, por exemplo, ao revelar ser xingada por homens homossexuais de “passiva” (p.52) o que demonstra que as pessoas que são penetradas no sexo são colocadas em posição de inferioridade por não ser o lugar esperado para o homem.

Enquanto em TRIP o corpo ganha projeção maior, em TPM a interação desse corpo com a sexualidade e as reverberações subjetivas disso têm mais forças. Em oposição à publicação masculina, que explora mais campos, em quase um dossiê sobre o pênis, a revista feminina parece ter um espaço mais limitado, uma boa parte da revista foi reservado para as seções de beleza. A vagina representada na capa, por exemplo, se “perde” ao longo das páginas. Mas diferente desta edição, nas edições analisadas de 2016 o caminho é outro.



Fig. 06: Capa TRIP, Ed. 251, Fev. 2016
Fonte: Reprodução do autor



Fig. 07: Capa TPM, Ed. 161, Fev. 2016
Fonte: Reprodução do autor

As edições 251 de TRIP e 161 de TPM, de fevereiro de 2016, possuem a temática “Minha casa, minha vida?”. O editorial de TRIP demonstra que o resultado final foi diferente do planejado,

Mas aqui parece haver uma explicação bastante evidente. Quando inicialmente pensamos que uma edição sobre “Casa” da Trip mostraria imóveis diferentes vividos

por gente “descolada” ignoramos um dado crucial: para nós, e conseqüentemente para quem acaba atraído pelo que fazemos pelo simples fato de pensar, viver e ver o mundo de maneira semelhante, a casa jamais se limitará a um lugar físico que possa ser delimitado por paredes e fechado com portas e janelas (LIMA, 2016, p.26).

A edição da revista “masculina” aborda pautas que acabam refletindo o corpo como algo constituído pelas interações internas dessa estrutura física, demonstrando uma consonância entre o bem-estar corporal e o bem-estar nos lugares chamados de “casa”. A edição 251 de TRIP não deixa claro em sua capa o foco que o corpo terá na edição (**Fig.06**). Diferente de TRIP, TPM número 161 traz na capa o enfoque que a publicação dará no corpo como casa. A chamada diz: “A pele que habito – cinco mulheres explicam por que o corpo é a casa de nossas histórias” (**Fig. 07**). Ao contrário desta, TRIP não hierarquiza na capa a reportagem que é o carro chefe, apenas cita uma matéria no editorial dando a entender que essa possui certa importância.

Em 2016, ao falar do corpo como meio de interação com o ambiente, TRIP questiona no título do editorial: “Sua casa fica onde?” (p.26). Aqui, o editor revela os bastidores da transformação da temática e pautas da edição, e também decreta que “a noção de casa precisa ser muito mais flexível e ampla, se estendendo para os lados e muito especialmente para dentro” (p.26).

Assim como no editorial de 2012, há uma crítica velada ao país. Ao apresentar Derek Rabelo, um dos personagens da edição, Paulo Lima escreve que o brasileiro se mudou para a Austrália pela boa forma que o país trata as pessoas com deficiência. Já em TPM o título do editorial revela a angulação dada pela revista, “Uma casa é quem vive nela” (p.06). Fernando Luna volta com o seu texto “leve”, menos “político” e de perfil mais “ameno” que o de TRIP. Dessa vez, em tom mais leve ainda, ele escreve uma crônica sobre a casa do escritor Jorge Amado. Leva o leitor a passear pela casa, encontra-se com as visitas ilustres que a casa recebia, para, finalmente, concluir aquilo que o título já sentenciava.

O corpo aparece nas edições de 2016 pensado como constituído pelas interações sociais. A história do surfista Derek Rabelo (p.50), que é destacada no editorial, é contada também a partir daqueles em volta dele. Podemos pensar Derek como uma quebra do corpo esperado na masculinidade hegemônica, mas podemos nos questionar que uma pessoa com deficiência visual aparece justamente na pauta em que um outro quesito dessa masculinidade é colocado em cheque, a coragem de enfrentar desafios que podem ser mortais.

O homem com deficiência é personagem da edição quando ele prova sua masculinidade surfando uma onda de 15 pés. Ao contrário de TPM, que em sua reportagem de capa

(p.54), junta cinco depoimentos em primeira pessoa de mulheres diferentes reafirmando seus corpos, “espaço imperfeito, e, por isso mesmo, único” (CORTÊZ, 2016, p.54) como a linha fina da matéria diz. É a mãe que concilia maternidade com carreira; a mulher negra; a mulher negra com deficiência; a mulher com vitiligo e a mulher negra e gorda. Aqui a aprovação do corpo se dá por elas mesmas.

Fig. 08: TRIP, Ed. 251, p. 8-9, Fev. 2016 - Fonte: Reprodução do autor

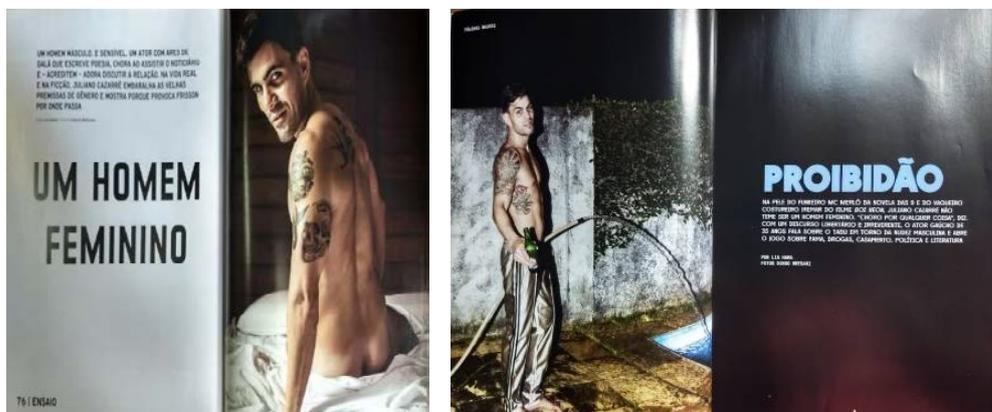


Fig. 09: TPM, Ed.161, p.76-77, Fev. 2016 - Fonte: Reprodução do autor

Em fevereiro de 2016, enquanto TPM permite a possibilidade de pensar outros tipos de corpos femininos, parece que TRIP, sem muita propaganda, apresenta nas “Páginas Negras” um possível modelo de masculinidade a ser seguido: Juliano Cazarré – másculo, corpo definido pela prática esportiva, sem vergonha do próprio pênis e “um homem feminino” (**Fig. 08**). Esta última característica é o título do ensaio sensual da edição de TPM, estrelado pelo mesmo Cazarré (**Fig. 09**). O ator, como apresentado pelas revistas, é a personificação de que as masculinidades não são fixas, mas que correspondem a mudanças sociais, mesmo que isso gere crises. O artista aparece como prova de que hoje é “permitido” (e quase necessário) que o homem demonstre sua sensibilidade. No entanto, isso deve ser feito, de preferência, dentro de um padrão de comportamento. De certa forma, padrão este que, apesar de nuançado por Cazarré, como pretendem mostrar ambas as edições, ainda se orienta pelo binarismo, como apontam as diferenças nas abordagens realizadas pelas revistas.

4. Considerações finais

Marcia Veiga da Silva (2010), em sua pesquisa sobre como os sujeitos e suas identidades incidem sobre o fazer jornalismo, relembra que a subjetividade é um “lugar onde residem as visões de mundo, valores culturais e sociais dos indivíduos”, é inconscientemente “acionada durante os processos produtivos, tornando-se parte integrante dos valo-

res profissionais da cultura jornalística. E é também na subjetividade que residem as concepções de gênero” (SILVA, 2010, p.165). Mesmo que os profissionais acreditem que estejam sendo neutros em suas funções, afirma a autora, há diversas escolhas e tomadas de atitude que revelam a influência da carga cultural e social de cada indivíduo.

A presença da subjetividade, das visões de mundo nos processos de produção das notícias, desde a seleção das pautas, passando pela escolha dos repórteres, até a ocupação dos lugares de prestígio e de poder nas relações entre os jornalistas, é um dos principais elementos que encontrei na pesquisa. Entendo que as visões de mundo dos profissionais eram permeadas por concepções de classe, de raça, de religião, de sexualidade, de geração e, principalmente, de gênero. Essas visões de mundo em muito se assemelhavam àquelas predominantes em nossa sociedade, naquilo que reconhecemos (ainda que inconscientemente) como seu padrão normativo, e nem sempre representam o todo, havendo uma infinidade de valores e visões diferentes que muitas vezes podem ser não reconhecidos ou não bem valorizados. Nesse sentido, o que e quem produz as notícias muitas vezes pode estar mais relacionado com a cultura e com a reprodução dos lugares de poder do que se pode perceber (SILVA, 2010, p. 164).

Ao olharmos para as revistas tendo noção que o fazer jornalístico é uma congruência entre interesses mercadológicos das editoras, demandas da sociedade e a subjetividade desses profissionais, podemos refletir sobre quais estruturas de poder são produzidas e reproduzidas nas páginas das revistas estudadas, como e onde se dão essas relações.

As edições analisadas nos permitem falar do corpo a partir de fragmentos desses corpos e suas formas de se portarem. As revistas falam sobre as genitálias, os corpos que interagem, ensaia discutir e derrubar certas concepções de gênero. É notório que há um padrão de corpo proposto, aquele que é másculo, que enfrenta os perigos dos esportes radicais, sexualmente ativo, de classe média, heterossexual, e branco – se pensarmos nas *Trip Girls*, a cor branca não é só para os homens.

É interessante perceber como o corpo se transforma em temática diversas vezes no decorrer da história da revista (TAVARES, 2019). Isso nos levar a enxergar que

esse circuito pode ser observado (e pensado) na escolha de pautas, na repetição de assuntos e no retorno cíclico de certas temáticas ao longo do tempo. Todas elas, conteúdos importantes do temário mais amplo que indica a composição de um conceito editorial e, ao mesmo tempo, a possibilidade de abordagem de um mesmo assunto de maneira diferente no interior da própria publicação, como se, de maneira fragmentada (por conteúdos e formas), a revista desse conta de vários aspectos que compõem um todo de um tema. Característica essa muito presente em revistas de periodicidade ampliada voltadas para uma grande temática (TAVARES, 2013, p. 88).

Ao realizar esse esforço de tematização, é feita uma escolha de enquadramento, enquanto outras possibilidades são preteridas, já que o espaço para se esgotar o assunto é limi-

tado. Simultaneamente, dentro de uma duração, vai se construindo uma perspectiva sobre um certo tema. Angulação essa que pode variar ao longo de um tempo, mas que dá pistas sobre os preceitos que, nesses tempos, determinam o modo de ser do veículo.

Se observamos os editoriais presentes no intervalo do nosso recorte, percebemos que em TPM há textos subjetivos, fora da ordem prática das coisas, mas de âmbito mais privado – mesmo que as personagens femininas, em suas páginas, não sejam passivas perante a sociedade e reivindiquem seus poderes políticos. Já em TRIP, nesse texto que demonstra a posição editorial, há uma preocupação política, uma preocupação na esfera do público. O que remete a divisão binária posta como um meio de legitimar a “a valorização exclusiva dos homens como seres públicos e efetivamente livres para buscar a realização de seus interesses e no mesmo passo justifica a instrumentalização da mulher” (MATA, 2014, p.154). A naturalização que o patriarcado tenta dar às diferenciações dos gêneros se apresenta nessa sutil diferença entre os editoriais. Assim como dentro das próprias masculinidades expostas há contornos e definições sobre como pensar “o” masculino.

Dentro do recorte da pesquisa, algo que chama a atenção é que parece ser em TPM que os corpos subalternos – e que fogem no padrão que a TRIP pretende ressaltar – aparecem. É nela que está o corpo gordo, o negro e bem-sucedido, o refugiado e a mulher. Isso não significa que as representações deles serão as melhores possíveis; há uma sensação de que, por surgir “da costela de TRIP”, TPM não se emancipa completamente, é parte da marca e olhar da revista, “respeitando-os”.

É fato que a Editora TRIP vem se mostrando atenta às transformações no mundo, até mesmo naquelas que dizem respeito as concepções de gênero. Demonstra entender as questões colocadas sobre o corpo e o gênero serem construções sociais. No entanto, não quebra com a segmentação binária, pensada em masculino e feminino. Ou, pelo menos, não avança completamente na superação dessa polarização.

E assim, as revistas continuam escrevendo nos corpos os olhares sociais daquilo que se espera que eles sejam, atualizando esses anseios pelo tempo, ensinando, voluntariamente ou não, o que é ser e ter corpo de homem e, no oposto disso, o que é ser e ter corpo feminino. Enquanto em TPM há um olhar para o subjetivo de suas leitoras (assim nomeadas), embora a aparência permaneça valorizada pelas seções de moda e beleza, em TRIP a relação é sempre com o exterior do corpo (seu papel no contexto). É como se determinados espaços e ações fossem interditados às mulheres, a elas é permitido o autoconhecimento, uma busca interna.

Uma diferenciação que podemos pensar como motivadora para que haja a segmentação pelo gênero. Ou que, na verdade, é construída, estrategicamente (e contraditoriamente), por essa própria segmentação.

REFERÊNCIAS

ABRIL, Gonzalo. **Análisis crítico de textos visuales**: Mirar lo que nos mira. Editorial Síntesis, Madrid, 2007.

AVEIRO, Giovanna L. R. T. **Mulheres na revista TPM**: análise discursiva da construção da singularidade feminina. 2015. 217 f. Dissertação [Mestrado em Comunicação e Semiótica] – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

BARBOSA, Maria R.; MATOS, Paula M.; COSTA, Maria E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 24-34, Apr. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822011000100004&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 01 Oct. 2018.

BENATII, Grahal. **Da Trip à TPM**: um estudo sobre a produção de significados no mercado de revistas. Campinas, Unicamp, 2005. 207 f. Dissertação [Mestrado em Antropologia Social] – Universidade Estadual de Campinas, SP, 2005.

BURBULHAN, Fernanda. GUIMARÃES, Rafael Siqueira. Relações de gênero, mídia escrita e contemporaneidade: análise do discurso nas revistas TRIP e TPM. **Publicatio UEPG**, Ponta Grossa, 19 (1): 61-76, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais/article/view/2999> Acesso em: 22 Jun. 2018.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. Feminism and the subversion of identity. Nova Yorck: Routledge, 1990.

CONNELL, Robert W. Políticas de masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2. p.185-206, jun/dez 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671> Acesso em: 16 Jan. 2018.

CONNELL, Raewyn W. **Masculinities**. California: University of California Press, 2005.

CONNELL, Raewyn W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, p. 241-286, janeiro-abril/2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/14.pdf> Acesso em: 22 Jan. 2018.

CORTÊZ, Natacha. A pele que habito. **TPM**. São Paulo: Editora Trip, edição 161, fevereiro de 2016. p.54-63.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I**: a vontade de saber. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANÇA, Renné Oliveira. Revista e referentes: a pensata na construção do mundo de cada publicação. In: TAVARES, Frederico M. B.; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 93-106.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LIMA, Paulo. Eu não sou. **TPM**. São Paulo: Editora Trip, edição 01, maio de 2001. p. 24.

LIMA, Paulo. Do cacete. **TRIP**. São Paulo: Editora Trip, edição 214, setembro de 2012. p. 26.

LIMA, Paulo. Sua casa fica onde? **TRIP**. São Paulo: Editora Trip, edição 251, fevereiro de 2016. p. 26.

LUNA, Fernando. A felicidade pode ser de carne. **TPM**. São Paulo: Editora Trip, edição 124, setembro de 2012. p.10

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 7-34.

MATA, Giulle Adriana Vieira da. **Condição feminina e casamento a partir da obra de Marianne Weber**. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 27, n. 2, p. 147-165, Jul/Dez. 2014. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/7517> Acesso em 12 Fev. 2018.

MATOS, Auxiliadôra Aparecida de; LOPES, Maria de Fátima. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 61-76, jan. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a05v16n1.pdf>. Acesso em: 01 Out. 2018.

MIRA, Maria Celeste. **Cultura e segmentação: um olhar através das revistas**. In: ST “Cultura e arte na sociedade contemporânea: novos desafios, novas estratégias”. XXV Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, Outubro, 2001. CD-ROM.

NOVAES, Joana de Vilhena. Ser mulher, ser feia, ser excluída. **Psicologia** [Internet]. Lisboa; 2006 [Citado 2011]. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf> Acesso em: 02 Mar. 2019.

PINHO, Osmundo. Qual a identidade do homem negro? **Democracia Viva**. n 22, p. 64-69, jun. 2004 / jul. 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/1420907/Qual_%C3%A9_a_identidade_do_homem_negro Acesso em 29 Mar. 2018.

RODARTE, Ana Paula V. S. T. **A contemporaneidade como mistura: Nina Lemos e a seção Badulaque na revista TPM**. 2017. 146 f. Dissertação [Mestrado em Comunicação] – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

RODRIGUES, Tatiane C.; ABRAMOWICZ, Anete. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em Educação. **Educação e Pesquisa** (USP. Imprensa), v. 39, p. 15-30, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100002 Acesso em: 12 Jun. 2019.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Márcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. 250 f. Dissertação [Mestrado em Comunicação e Informação] – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SODRÉ, Muniz. Diversidade e Diferença. **Revista Científica de Información y Comunicación**, v. 3, p. 5-16, 2006. Disponível em: <http://institucional.us.es/revistas/comunicacion/3/art1.pdf> Acesso em: 24 Ago. 2019.

TAVARES, Frederico de Mello B. **A diversidade como fio editorial em TRIP e TPM: reconhecimento do tempo e afirmações identitárias** – Relatório Final de Pesquisa. Ouro Preto: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFOP/ Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG, 2019.

TAVARES, Frederico de Mello B. Revista e identidade editorial: mutações e construções de si e de um mesmo. In: TAVARES, Frederico M. B.; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 76-92.

TPM. São Paulo: Editora Trip, edição 01, ano 01, maio de 2001.

TPM. São Paulo: Editora Trip, edição 124, ano 11, setembro de 2012.

TPM. São Paulo: Editora Trip, edição 161, ano 15, fevereiro de 2016.

TPM. São Paulo: Editora Trip, edição 173, dezembro de 2017.

TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 214, setembro de 2012.

TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 251, fevereiro de 2016.

TRIP. São Paulo: Editora Trip, edição 271, dezembro de 2017.

VOGEL, Daisi. Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias. In: TAVARES, Frederico M. B.; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 17-26.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In: **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200008&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 21 Jun. 2019.